

Um mal silencioso

Responsáveis por mais de 40% dos tumores que atingem as mulheres, os cânceres ginecológicos costumam ser de difícil diagnóstico. Por isso, é preciso estar atenta aos sinais que o corpo dá

POR LUNA VELOSO*

Mais de 40% dos tumores que atingem as mulheres no Brasil são ginecológicos. Apesar de pouco falado, o câncer de ovário vem logo depois do de colo de útero em número de incidência, ocupando o sétimo lugar no ranking de cânceres que mais acometem as pacientes femininas, seguido pelo tumor de endométrio, que está na oitava posição.

O oncologista Fernando Maluf explica que o câncer de ovário atinge mais de 6 mil mulheres por ano no Brasil e é considerado o mais letal dos tumores de origem ginecológica. As taxas de mortalidade passam de 80% quando consideramos a doença em seu estágio mais avançado.

Pela falta de exames preventivos diretamente ligados a ele, o diagnóstico precoce é muito difícil de acontecer — apenas duas a cada 10 mulheres conseguem descobrir a doença em seu estágio inicial. A procura pelo atendimento, normalmente, parte da própria paciente por conta dos sintomas, que também não são precisos, demoram muitas vezes para serem identificados e costumam ser confundidos com diversas outras condições.

Assim surge o nome câncer silencioso. Mesmo com o rápido avanço da doença, os sintomas sussurram e apenas com muita atenção no próprio corpo conseguem ser inicialmente percebidos pela paciente.

Por isso é necessário uma atenção redobrada nos sinais de alerta, acompanhamento frequente com um médico ginecologista, alimentação

balanceada e, principalmente, manter-se atualizada as novas informações sobre a doença.

O alerta foi dado, em São Paulo, neste mês de agosto, durante evento promovido pela companhia biofarmacêutica GSK sobre cânceres ginecológicos sob a ótica jornalística. Com foco em câncer de ovário e endométrio, o oncologista clínico, fundador do Instituto Vencer o Câncer e presidente do Grupo Brasileiro de Tumores Ginecológicos, Fernando Maluf, e a gerente médica do grupo de oncologia da GSK, Tatiana Pires, explicaram um pouco sobre a condição e as novas formas de tratamento.

Luta diária

Anne Carrari vive há sete anos com câncer de ovário. Por meio de seu perfil do Instagram, criado exclusivamente para passar, para as mulheres, informação de qualidade sobre a doença, a estudante de saúde pública relata sua vivência, dá suporte a outras pacientes e luta pelo fim da estigmatização e das barreiras culturais criadas em cima da condição.

Mesmo depois de passar por três gestações de parto natural e apresentar ótimas taxas em todos os seus exames de rotina, descobriu que “saúde não era ausência de doença” e, em 2015, recebeu o diagnóstico. A suspeita partiu de um inchaço abdominal, taxado como frescura por vários profissionais até chegarem de fato à origem do problema. “Os primeiros meses após o diagnóstico foram muito difíceis. Eu me



divulgação



Evento promovido pela farmacêutica GSK compartilhou informações com jornalistas

sentia sozinha, não sabia a quem recorrer, não sabia onde buscar conforto e ajuda.”

A ideia de criar o perfil @_sobrevivi_ao_cancer_de_ovario no Instagram veio dessa busca por